



Reciclagem da Postura da Síndrome do Complexo de Vira-latas

Reciclaje de la Postura del Síndrome del Complejo de Vira-latas

Recycling of the Posture of the Mutt Dog Complex Syndrome

Halina Sousa

Resumo

Entende-se por complexo de vira-latas a inferioridade em que a pessoa se coloca voluntariamente, diante de qualquer contexto ou situação. É uma questão da pessoa não acreditar em si mesma. Em todos os cursos em que participei desde que conheci a Conscienciologia, em 07/2013, o identificava na quase totalidade dos alunos. Decidi aprofundar este tema durante o curso PDPA, que aconteceu no Campus IIPC Saquarema RJ, no período de 12 a 20 de janeiro de 2018.

Palavras-chave: autoassistência; autoconfiança; autodesassédio; determinação; superação; vontade.

Resumen

Se entiende por complejo de vira-latas, la inferioridad en que la persona se coloca voluntariamente, ante cualquier contexto o situación. Es una cuestión de la persona no creer en sí misma. En todos los cursos en que participé desde que conocí la Conscienciología, el 07/2013, lo identificaba en la casi totalidad de los alumnos. Decidí profundizar este tema durante el curso PDPA, que tuvo lugar en el Campus IIPC Saquarema RJ, en el período del 12 al 20 de enero de 2018.

Palabras clave: autoasistencia; confianza en sí mismo; deintrusion; determinación; superación; voluntad.

Abstract

A mutt dog complex is understood as the inferiority in which the person places himself voluntarily, in the face of any context or situation. It is a matter of the person not believing in himself. In all the courses I have attended since I met Conscienciology on 07/2013, I identified him in almost all the students. I decided to delve into this topic during the PDPA course, which took place at Campus IIPC Saquarema RJ, from January 12 to 20, 2018.

Keywords: determination; self-confidence; self-deintrusion; self-help; overcoming; will.

INTRODUÇÃO

Durante os últimos 5 (cinco) anos, desde que tive meu primeiro contato com a Conscienciologia, venho refletindo bastante sobre o medo de não obter sucesso em determinadas situações, medo esse que me acompanha por toda vida.

Sempre procurei estimular o outro a promover superações, contudo, meu travesseiro e as consciexes eram conhecedoras das minhas inseguranças e incertezas, medos e receios, um contrasenso que só teve explicação com a identificação do *complexo de vira-latas*.

O processo de superação iniciou quando resolvi enumerar os aportes por mim recebidos nessa ressonância. Eles são infinitamente maiores que os insucessos. Reconheci que meu histórico de superações, recomeços e conquistas vinha do meu esforço inquebrantável de atingir os objetivos concretos e também da necessidade de sobrevivência que é inerente ao ser humano. Sempre atenta ao processo interassistencial, cuidando para não 'atropelar' alguém, nem tão pouco desejar o que era do outro. Na maioria das vezes, disponibilizava-me para compartilhar os métodos aplicados para o atingimento dos objetivos com quem tivesse interesse.

Objetivo: o artigo visa compartilhar os frutos da minha autopesquisa, para que conscins e consciexes se apoderem dos seus trafores potencializadores das reciclagens e se permitam experimentar o poder realizador de que cada consciência é capaz.

Metodologia: O método utilizado na escrita deste artigo baseou-se nas anotações, reflexões, vivências de vários cursos de Conscienciologia e a técnica da escrita do curso PDPA.

Estrutura: Este artigo está dividido em 3 seções: I. Histórico; II. Argumentações; III. Técnicas Aplicadas.

I. HISTÓRICO

A expressão *complexo de vira-latas* foi utilizada, pela primeira vez, pelo escritor brasileiro Nelson Rodrigues durante a Copa do Mundo de Futebol de 1950, quando o Brasil foi derrotado pelo Uruguai em pleno Maracanã. Na visão do escritor, aquela situação vexaminosa reforçou a péssima imagem que o brasileiro faz de si mesmo.

Durante minha existência, interagi com diversos grupos de diferentes objetivos, classes sociais, intelectuais e financeiras. Em todas elas me manifestava de maneira tranquila, sem receio de *pagar mico*, de maneira simples e sincera de ser, e não encontrava dificuldades nas interações.

Meu histórico escolar comprova que eu estudava para passar de ano. Não me interessava em ser a melhor aluna da turma e, durante o período profissional, só me interessava pelo tema das finanças, já que precisava me manter atualizada para conversar com meus pares e clientes (fui bancária por mais de 30 anos, atuando na área comercial).

Minha preguiça mental era tanta que preferia me atualizar ouvindo os noticiários na rádio e TV, sem ao menos verificar se havia procedência daquelas informações. Quando me aposentei, pensava ter cumprido minha missão com muito êxito, achava que não seria mais necessário estudar, que teria apenas ir à praia, cinema, teatro e viajar. Até então, tudo certo. Missão cumprida.

A paranoia se instalou quando tive contato com os neologismos utilizados pela Conscienciologia. Percebia em mim um *gap* intelectual, dificuldade em criar novas sinapses, defasagem cognitiva que me incomodou tanto que pensava ter desenvolvido o complexo de vira-latas, até que percebi que na realidade eu nunca havia valorizado a erudição. Entendi que a missão não havia sido cumprida, que tinha que correr atrás do prejuízo e que teria que colocar um pouco mais de energia do que era de costume.

II. ARGUMENTAÇÕES

Levei para vários cursos o tema do *gap* intelectual e a dificuldade com a docência. Como não encontrava explicação plausível, justificava a dificuldade na formação de novas sinapses na utilização do medicamento *Gardenal* dos 6 até os 15 anos. Era mais fácil me vitimizar do que assumir meus tráfegos e trabalhar para superá-los, até porque para superar tráfegos é necessário identificar tráfegos e isso exige responsabilidade, já que o passo seguinte é assumi-los e colocá-los em atividade.

Colocar a responsabilidade das nossas frustrações em alguém ou algo é uma atitude de muita covardia e desonestidade, tanto conosco quanto com o acusado. Num passado recente, esse comportamento poderia ser aceitável. Após acessar as informações e ferramentas disponibilizadas pela Conscienciologia, não coube mais manter tal padrão de comportamento, onde tudo tinha explicação fora de mim.

Muitas pessoas generalizam demais as coisas sem perceber. Esta atitude é prejudicial ao pensamento racional. Por exemplo, ao ir mal em uma prova um dia, você pode pensar – Eu sou burro e sempre vou mal. Ao formular esta frase, estamos negligenciando os sucessos do passado por causa de um acontecimento.

O pensamento polarizado, 8 ou 80, divide tudo em apenas duas categorias: bem ou mal, sucesso ou fracasso. O resultado é não entender que as situações têm nuances.

Não se concentrar nos aspectos positivos é um modo de pensar no qual a pessoa se concentra muito mais nos aspectos negativos da situação.

Por exemplo, você pode pensar que todo mundo o achou um idiota na reunião ou aposta que um colega acha que você fala demais. Ao perceber tais pensamentos, tente se lembrar que não somos tão bons em ler pensamentos.

Algumas recomendações simples, como beber muita água, comer bem, estimular o sistema circulatório (estudos comprovaram que 20 minutos de estímulo nesse sistema são capazes de me-

lhorar a nossa memória), dormir bem, fazer acompanhamento médico e *check-up* anual organiza os pensamentos e favorece a ampliação do raciocínio. O prof. Waldo Vieira, fazia uso de *Ginkgo Biloba*, medicamento fitoterápico (primeira planta a brotar no Japão após a destruição pela bomba atômica na cidade de Hiroshima). O extrato é obtido de suas folhas, que, segundo seus utilizadores, refresca a memória.

Sempre me interessei por histórias de superações. Admirar pessoas que reinventavam a vida pelo viés da coragem e criatividade me mostrava como é real e factível atingir objetivos cosmoéticos. Então, por que eu não conseguiria sair daquele estado de autocorrupção?

Certa vez ouvi de um amigo: você desqualifica seus resultados, quando recebe um elogio você diz que não fez nada demais, que não teve que se esforçar, que foi tudo muito fácil. Disse também: muitas pessoas tentam fazer o que você faz e não conseguem, portanto, seus resultados são muito bons sim, você trabalhou para atingi-los sim, valorize-se e tenha certeza que você pode muito mais. Refletindo sobre essa conversa, percebi o quanto me mantinha em subnível e o quanto era confortável essa autocorrupção.

Decidi então ajustar meu padrão de comportamento e estimular minha curiosidade sobre tudo. Para isso tive que reaprender a questionar perguntas e respostas, ouvir mais e falar menos, buscar me concentrar no que faço no momento e não fazer leitura dinâmica nos artefatos do saber.

No tratado *700 Experimentos da Conscienciologia*, encontrei diversas técnicas para o desenvolvimento do mentalsoma, como a *Técnica das 50 Vezes Mais*, *Técnica da Associação de Ideias - Cosmograma*, dentre outras para criar hábitos e rotinas positivas para melhorar o aprendizado.

Iniciei a leitura do livro *O Poder do Hábito*, do autor Charles Duhigg. O livro foca na transformação dos hábitos, mostra como os hábitos certos transformam nossas vidas e por que algumas pessoas têm tanta dificuldade em mudar, enquanto outras parecem conseguir isso da noite para o dia. Li também o livro *Mudar ou Mudar*, da autora Flavia Guzzi, que exemplifica que a vontade é a energia impulsionadora para a reciclagem intraconsciente, a maior renovação de todos os aspectos da vida humana e multidimensional. As experiências de superações relatadas nesses dois livros me serviram de inspiração para fazer a virada.

III. TÉCNICAS APLICADAS

São explicitadas adiante 5 técnicas, aplicadas pela autora, para a superação do complexo de vira-latas:

1. Lista de trafores, trafares e trafais.
2. 50 vezes mais.
3. Leitura atenta e minuciosa de artefatos do saber.
4. Estimulo da curiosidade.
5. Técnica projetiva do PDPA, com o objetivo de revisitar uma situação onde sofri preconceito.

CONCLUSÕES

Os neologismos, potencializadores do meu complexo de vira-latas, hoje são utilizados por mim para comunicar a neociência Conscienciologia, sabendo que, sem os mesmos, não teria como entender e aplicar o paradigma consciencial como modelo de vida interassistencial evolutiva.

Compreendi que existem muitas informações disponíveis para quem tem interesse por elas, como é o caso da internet. Tudo se encontra lá, de receita de bolo a mapas de ruas. Portanto, não é necessário nenhum tipo de sofisticação para se iniciar a autopesquisa ou até mesmo mudar algumas posturas por nós já identificadas como obsoletas e desnecessárias.

Compreendi, também, que o preconceito contra mim mesma era o principal travão que me fazia desistir. Entendi *que a consciência pode tudo*.

REFERÊNCIAS

1. DUHIGG, Charles; *O Poder do Habito: Por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios*; SCHWARCZ.; Rio de Janeiro, RJ; 2012.
2. GUZZI, Flavia; *Mudar ou Mudar: Relatos de uma Reciclante Existencial*; 2ª Ed.; Editora IIPC; Rio de Janeiro, RJ; 2000.
3. VIEIRA, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; Editora IIPC; Rio de Janeiro, RJ; 1994; p. 45, 51, 67, 79, 156, 276,313, 314, 318, 319, 322, 443.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ALMEIDA, Julio; *Qualificações da Consciência*; Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2005; Seção I, cap. 1 e 2.
2. LOPES, Adriana; *Sensos evolutivos e contrasensos regressivos: o estudo contrapontado do autodiscernimento quanto à maturidade consciencial*; Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2017; Seção II, caps. *Senso Evolutivo e Senso Autocrítico*.
3. MARTINS, Eduardo; *Higiene Consciencial: reconquistando a homeostase no microuniverso consciencial*; 2ª Ed.; Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2017; Cap. 25.

Halina Sousa é bacharel em Direito; pós-graduada em Administração Financeira. Voluntária da Conscienciologia desde 2013; tenepessista desde 2015 e docente a partir de 2016.

E-mail: halinasousa@hotmail.com.